

Ackel admite derrota agora, não em janeiro

CARLOS CHAGAS

O ministro Ibrahim Abi-Ackel pertence ao reduzido grupo dos malufistas que não perderam o senso do real. Admite que, se a reunião do colégio eleitoral fosse hoje, Tancredo Neves estaria eleito. Faz, no entanto, uma projeção a respeito dos quatro meses e meio que nos separam da eleição indireta: para ele, o candidato das oposições e da dissidência do PDS já chegou ao ponto máximo de apoio possível para o seu nome. Amealhou todas as forças que poderia amearhar, perigosamente muito antes da hora. O contrário se passa com Paulo Maluf, ainda no entender do ministro da Justiça: depois da vitória na convenção do PDS e das naturais e esperadas acomodações do terreno, o ex-governador de São Paulo perdeu tudo o que poderia perder. Foi descarnado. Por isso, e tendo em vista sua competência em conquistar adesões, provada na recente convenção, só terá a crescer, daqui por diante.

Ackel considera a quinta-feira passada um marco especial na campanha sucessória, pelo fato de, naquele dia, o general João Figueiredo ter iniciado uma ação incontestada de apoio a Paulo Maluf, reunindo três governadores do PDS tidos como de tendência antimalufista. Figueiredo recebeu em separado Luís Rocha, do Maranhão, João Alves, de Sergipe, e João Durval, da Bahia. Expôs a cada um a posição do governo, que se não teve candidato até a convenção, obriga-se agora a respaldar e a lutar pelo vitorioso. É Paulo Maluf, mas se fosse Mário Andreazza, seria o mesmo o comportamento do presidente. Agindo assim, ainda conforme Ibrahim Abi-Ackel, Figueiredo demonstra uma vez mais suas arraigadas convicções democráticas. Apesar de não haver obtido o engajamento dos referidos governadores na campanha de Maluf, também não recebeu de nenhum deles a negativa. Ficaram de examinar, consultar suas bases e, depois, apresentar a decisão final.

Para o ministro, iniciada a operação, nela Figueiredo mais se empenhará, até mesmo através de viagens aos Estados, como no dia 4, à Bahia. Não se limitará a pedir aos governadores do PDS que sustentem o candidato oficial. Como presidente de honra do partido, e como presidente da República, dispõe de todas as condições para procurar pessoas e grupos integrantes do colégio eleitoral. É isso o que fará, daqui até o final do ano, empenhando-se em fazer refluir o favoritismo de Tancredo Neves.

Outra afirmação do ex-deputado federal por Minas Gerais é a de que o governo, como máquina administrativa, ao contrário do que denunciam as oposições, não está a serviço de Paulo Maluf. Os ministros, individualmente, sim, bem como os líderes e o próprio presidente da República. As demissões havidas no Ministério e nos diversos escalões do Executivo devem-se à notória ligação dos demitidos com dissidentes do PDS, jamais à recusa de colocarem os respectivos serviços que dirigiam à disposição do candidato pedessista. Isso nunca foi e nunca lhes seria pedido.

A possibilidade de uma reviravolta nas previsões que hoje favorecem Tancredo Neves é analisada pelo ministro da Justiça a partir de diversos fatores. O primeiro, já citado, diz res-

peito ao tempo: o ex-governador mineiro chegou ao máximo que podia, e Paulo Maluf recuou para o mínimo de que dispunha. De agora em diante, o pêndulo mover-se-á para o outro lado. Até 15 de janeiro haverá tempo para resultados objetivos na articulação em que se lança o presidente João Figueiredo, bem como, em especial, para o trabalho de conquista de adesões, para o qual o ex-governador paulista possui experiência comprovada. Tancredo Neves, ao contrário, dispõe de tradição oposta. Em 1960, estava eleito governador de Minas Gerais e morreu na praia, perdendo o Palácio da Liberdade para Magalhães Pinto nas últimas semanas de campanha. Depois, em 1978, parecia prestes a se eleger pela maioria absoluta do eleitorado mineiro, concorrendo ao Senado. Ganhou, mas assistindo à diferença diminuir a cada dia, terminando com a margem reduzida de 60 mil votos sobre o adversário da Arena. Ainda agora, em 1982, ganhou de Eliseu Resende quando as pesquisas indicavam que, com mais algumas semanas de campanha, a situação se inverteria. Assim, e ressaltando as qualidades pessoais, morais e políticas de Tancredo, Ibrahim Abi-Ackel considera que ele não se agüentará como favorito por muito tempo.

Outra observação do ministro é de que o candidato a vice-presidente na chapa de Tancredo Neves, o ex-presidente do PDS, José Sarney, funcionará como fator negativo. Fica muito difícil sustentar sua adesão ao PMDB, menos para os oposicionistas, até, do que para pedessistas até pouco inclinados a formar com os adversários. Ele tem notícia, ainda que não revele os nomes, de uma série de liberais do PDS que já reexaminam a posição e estão próximos de tornar ao aprisco antigo.

Ibrahim Abi-Ackel não cultua a sinistrose e nem acredita em crises militares, ideológicas ou, mesmo, políticas, por conta dos desdobramentos do quadro sucessório. Quem vencer, tomará posse e governará no próximo período presidencial. A luta é acesa e mais será, mas a obra redemocratizadora do presidente João Figueiredo situa-se acima de qualquer reverterio. O País renderá homenagens a ele, à medida que o tempo for passando, pois depois da anistia, da reforma partidária, das eleições diretas de governador, do respeito aos seus resultados e de garantir a prevalência do poder político, o presidente cumpre o seu roteiro de promessas, ensinando o desenrolar de uma sucessão política, acirrada mas democrática.

Sem a emissão, hoje, de juízos de valor sobre as previsões do ministro da Justiça, vale ressaltar que é bem outra a visão das oposições. Elas discordam da afirmação de que Tancredo Neves conquistou, agora, o máximo que poderia ter conquistado. Suas bancadas crescem, e aí está, como prova, a negativa dos três governadores inicialmente sondados por Figueiredo em aderir a Paulo Maluf. Eles, como os outros chefes de Executivo estaduais pedessistas, procuram ganhar tempo e evitar o choque aberto com o governo federal. Mas engrossarão, ainda mais, os contingentes oposicionistas no colégio eleitoral. E Paulo Maluf, descarnado, não encontrará em nenhum regime de engorda as condições para alterar a margem, hoje superior a cem votos, registrada em favor de Tancredo Neves. Desde que, é claro, o ex-governador mineiro desenvolva campanha eficiente e integral.